

## AUTOMEDICAÇÃO EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: UMA REVISÃO

Vitória Silva Santos<sup>1</sup>  
Luana Mascarenhas de Lima<sup>2</sup>  
Marina Bastos Santos<sup>3</sup>  
Kamilla das Virgens leão Santana<sup>4</sup>  
Cristiane Metzker Santana de Oliveira<sup>5</sup>

**RESUMO:** Este estudo objetivou obter uma visão geral do cenário da automedicação entre estudantes universitários da área da saúde no Brasil. Este estudo configurou-se como uma revisão sistemática de literatura de abordagem qualitativa e natureza descritiva acerca da automedicação em estudantes universitários entre os anos de 2018 e 2023. As bases de dados utilizadas neste estudo foram a Literatura Latino-Americana em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Medline e BDEF. A primeira etapa da busca identificou 322 estudos (Medline: 193, Lilacs: 83, Scielo: 25, Bdef: 21). Após leitura dos títulos e resumos foram excluídos 296, os 26 restantes foram analisados na íntegra e após isso, foram excluídos 18, restando 8 artigos que fizeram parte desse estudo. Todos os estudos selecionados apresentaram altos percentuais de automedicação indo de 72,3% até 99,2%. Alívio da dor, praticidade, comodidade e fácil acesso às farmácias são motivadores para a prática da automedicação. Os sintomas que mais se relacionaram à automedicação foram dor, principalmente de cabeça, de garganta, muscular e cólica menstrual, além de febre, resfriados, alergias, inflamações e infecção urinária. Os medicamentos mais utilizados foram analgésicos/antipiréticos, anti-inflamatórios, anti-histamínicos, antiácidos, antigripais, relaxante muscular e antibióticos. As consequências apresentadas pelos acadêmicos que praticavam a automedicação foram: mascaramento da doença geradora do sintoma, reações adversas, resistência microbiana, intoxicação, náusea, vômito, tontura, sintomas cardiorrespiratórios, aumento dos sintomas existentes e manifestações cutâneas. Por fim, acredita-se na importância da inserção da temática automedicação nas grades curriculares afim de fortalecer a conscientização desses acadêmicos acerca do assunto para que eles deixem de ser vítimas e passem a ser agentes na redução da automedicação na população.

3089

**Palavras-chave:** Automedicação. Ciências da saúde. Saúde do estudante.

<sup>1</sup>Graduação Bacharelado, UNIFACS - Universidade Salvador.

<sup>2</sup>Graduação Bacharelado, UNIFACS - Universidade Salvador.

<sup>3</sup>Graduação Bacharelado, UNIFACS - Universidade Salvador.

<sup>4</sup>Graduação Bacharelado, UNIFACS - Universidade Salvador.

<sup>5</sup> Universidade Salvador.

**ABSTRACT:** This study aimed to obtain an overview of the self-medication scenario among university students in the health field in Brazil. This study was configured as a systematic literature review with a qualitative approach and descriptive nature about self-medication in university students between the years 2018 and 2023. The databases used in this study were the Latin American Literature in Health Sciences (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Medline and BDEF. The first stage of the search identified 322 studies (Medline: 193, Lilacs: 83, Scielo: 25, Bdef: 21). After reading the titles and abstracts, 296 were excluded, the remaining 26 were analyzed in full and after that, 18 were excluded, leaving 8 articles that were part of this study. All selected studies showed high percentages of self-medication, ranging from 72.3% to 99.2%. Pain relief, practicality, convenience and easy access to pharmacies are motivators for the practice of self-medication. The symptoms most related to self-medication were pain, mainly headache, throat, muscle pain and menstrual cramps, as well as fever, colds, allergies, inflammation and urinary tract infections. The most commonly used medications were analgesics/antipyretics, anti-inflammatories, antihistamines, antacids, flu medications, muscle relaxants and antibiotics. The consequences presented by academics who practiced self-medication were: masking the disease that caused the symptom, adverse reactions, microbial resistance, intoxication, nausea, vomiting, dizziness, cardiorespiratory symptoms, increase in existing symptoms and cutaneous manifestations. Finally, we believe in the importance of including the topic of self-medication in the curriculum in order to strengthen these academics' awareness of the subject so that they stop being victims and become agents in reducing self-medication in the population.

**Keywords:** Self Medication. Health Sciences. Student Health.

## INTRODUÇÃO

Há muito tempo os medicamentos ocupam um relevante papel nos sistemas sanitários de saúde e sua utilização faz parte da evolução do homem, sendo seus objetivos tratamento, alívio e cura de diversas doenças, salvando vidas e melhorando a saúde das pessoas. No entanto, paralelo a isso um problema considerado de saúde pública: o uso de medicamentos de forma irracional, indiscriminado e sem prescrição nem orientação por parte da população (SANTOS et. al., 2022).

A automedicação é definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) como “o uso de medicamento sem a prescrição, orientação e ou supervisão de um médico ou dentista”, no entanto sua definição pode ser ampliada para: utilização de sobras de medicamentos prescritos, compartilhamento de medicamentos com familiares e amigos, reaproveitamento de receitas médicas antigas e

mudança na dosagem dos medicamentos prescritos por conta própria (OMS, 1998; BRASIL, 2001, OLIVEIRA et. al., 2021).

Embora a automedicação seja um caminho comum e rápido para o alívio de sintomas e a cura de doenças autodiagnosticadas, o uso de medicamentos sem a prescrição e ou orientação de profissionais de saúde pode causar reações adversas não desejadas. Entre essas reações pode-se destacar subdose sem efeito, dose excessiva com efeitos tóxicos, interação medicamentosa, aumento de resistência bacteriana, hemorragia, alergia, iatrogenias, mascaramento de doenças, dentre outros (ARAÚJO et. al., 2015, MELO; PAUFERRO, 2020, OLIVEIRA et al., 2021).

Essa prática não tem preferência por classes sociais, porém, estudos tem evidenciado que afetam em grande número as pessoas que possuem maior grau de informação. Quanto mais informação relacionada ao uso de medicamentos a pessoa possui, maior a confiança na prática da automedicação. Neste sentido, tem sido evidenciado uma maior prevalência de automedicação entre os estudantes universitários, principalmente em cursos da área da saúde (DOMINGUES et. al., 2017, CAVALCANTE; KHOURI, 2019).

A automedicação entre acadêmicos universitários tem se tornado um grande problema de saúde pública em todo mundo. Um estudo realizado por Behzadifar e colaboradores (2020) evidenciou uma prevalência de automedicação entre universitários de 70,1%, destes, 97,2% eram da área médica, e 44,7%, de outras áreas, evidenciando uma relação com o conhecimento que os estudantes das áreas da saúde possuem acerca dos medicamentos.

A vida acadêmica universitária expõe os estudantes a uma diversidade de sentimentos bons como realização profissional, construção de uma nova rede de amizade, melhora da autoestima e entre outros, no entanto esse período também é marcado por muitas mudanças, adaptações e exposição a fatores estressantes como desregulação de sono, grande carga horária de estudos, aumento da pressão por parte da família, despesas financeiras, além de apreensões acerca do futuro. E é tentando administrar a vida acadêmica que o estudante adere à automedicação (BAGGIO; FORMAGGIO, 2009, PICOLOTTO et. al., 2010, MARCHI et. al., 2013, SANTOS; NASARIO; SILVA, 2016)

Apesar do crescente e atual interesse em estudos relacionados à prática de automedicação em estudantes universitários, a literatura ainda é incipiente e pontual, e essa evidência foi o motivador para a realização desse estudo com o objetivo de obter uma visão geral do cenário da automedicação entre estudantes universitários da área da saúde no Brasil.

## METODOLOGIA

Este estudo configurou-se como uma revisão sistemática de literatura de abordagem qualitativa e natureza descritiva acerca da automedicação em estudantes universitários entre os anos de 2018 e 2023. Trata-se de um tipo de investigação enfocada em um delimitado assunto com os objetivos de identificar, selecionar, avaliar e sintetizar as evidências relevantes disponíveis (GALVÃO; PEREIRA, 2014). Para isso, utilizou-se como descritores a combinação das palavras: Automedicação AND Estudantes.

As bases de dados utilizadas neste estudo foram a Literatura Latino-Americana em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Medline e BDEFN. O levantamento foi realizado no mês de agosto de 2023 e foram adotados os seguintes critérios de inclusão e elegibilidade dos trabalhos: a) artigos originais publicados nos últimos 5 anos, entre 2018 e 2023; b) trabalhos publicados no idioma português que abrangeram os aspectos relacionados automedicação em estudantes universitários; c) artigos com versão completa e gratuita disponível. Todas as publicações que não atendiam aos critérios de inclusão acima descritos, além dos livros, dissertações e teses, foram excluídas.

A primeira etapa da busca identificou 322 estudos. Os artigos que se repetiram foram considerados em apenas uma base de busca e foram excluídos aqueles cujos títulos e resumos evidenciaram que não se enquadravam na temática. Posteriormente, os estudos remanescentes da etapa anterior foram analisados na íntegra, restando, ao final, 8 documentos científicos que compuseram este estudo, conforme quadro abaixo (Quadro 1).

**Quadro 1** - Representação da identificação, exclusão e inclusão dos artigos.

IDENTIFICAÇÃO	Artigos encontrados nas bases de dados:		
	MEDLINE:		193
	LILACS:		83
	SCIELO:		25
	BDEFN: 21		N:
	322 artigos identificados		
EXCLUSÃO	Artigos excluídos após leitura dos títulos e resumos: 296	Artigos analisados na íntegra: 26	Artigos excluídos após leitura na íntegra: 18
	Artigos incluídos após leitura e análise na íntegra: 8		

Fonte: Autores

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a presente pesquisa foram usados 8 artigos conforme descritos na tabela abaixo (Tabela 1).

**Tabela 1** – Artigos selecionados para compor o presente estudo.

TÍTULO	AUTORES	CURSO	ANO
Prevalência da automedicação em acadêmicos de odontologia e enfermagem em uma instituição pública brasileira.	JÚNIOR ARAÚJO et. al.	Odontologia	2021
Automedicação entre estudantes de graduação do interior do Amazonas	LIMA et. al.	Biologia, química, matemática, física, biotecnologia, enfermagem, fisioterapia, medicina e nutrição.	2022
Prática da automedicação entre estudantes de enfermagem de instituição de ensino superior	BOHOMOL; ANDRADE.	Enfermagem	2020
Prevalência de cefaleia e seus impactos em estudantes de medicina em uma universidade pública	SANTOS et. al.	Medicina	2019
Automedicação entre acadêmicos de medicina de Fernandópolis - São Paulo	TOGNOLI et. al.	Medicina	2019
A prevalência de cefaleia e fatores psicossociais associados em estudantes de medicina no Ceará	CARNEIRO et. al.	Medicina	2019
Automedicação em acadêmicos de Medicina	MORAES et. al.	Medicina	2018
Automedicação nos estudantes do ensino superior da saúde	PRÍNCIPE et. al.	Enfermagem	2020

**Fonte:** Autores

## PERFIL DOS ESTUDOS

Referente ao local de realização dos estudos eles se distribuíram da seguinte forma: 2 foram realizados em universidades em São Paulo, e os outros no Ceará, Piauí, Amazonas,

Espírito Santo, Alagoas e Portugal. No que diz respeito aos cursos envolvidos, eles foram: enfermagem, medicina, odontologia, biologia, química, matemática, física, biotecnologia, fisioterapia e nutrição.

Todos os estudos selecionados apresentaram altos percentuais de automedicação indo de 72,3% até 99,2% e em todos eles a prática foi realizada majoritariamente por acadêmicos do sexo feminino, reforçando um comportamento característico entre acadêmicos universitários da área da saúde tanto no Brasil quanto fora. A prevalência do sexo feminino pode ser justificada pelo fato de as mulheres terem mais preocupação e cuidado com a saúde, o que as torna propensas a armazenar e utilizar mais medicamentos (BOHOMOL; ANDRADE, 2020; PRÍNCIPE et. al., 2020).

### **Motivadores e influenciadores da automedicação**

Identificou-se que os estudantes que realizam a prática da automedicação estão buscando rápido alívio da dor, diante das extensivas cargas horárias que os cursos integrais demandam, juntamente com as cobranças acadêmicas que os expõem à altas cargas de estresse, tensão e poucas horas de sono, o que afeta diretamente a qualidade de vida dos estudantes. Aliado a isso, questões como praticidade, comodidade e fácil acesso às farmácias também são motivadores para a prática da automedicação (CARNEIRO et. al., 2019; BOHOMOL; ANDRADE, 2020).

3094

Esperava-se que o conhecimento que os estudantes da área da saúde têm sobre a ação dos medicamentos pudessem reduzir os índices de consumo de medicamentos, no entanto os estudos evidenciaram o contrário, já que esse conhecimento foi apontado como um dos motivadores para a automedicação. Salienta-se ainda outros motivadores como a influência dos familiares e amigos sobre quais medicamentos utilizar e a posse de prescrições médicas antigas (CARNEIRO et. al., 2019; BOHOMOL; ANDRADE, 2020; PRÍNCIPE et. al., 2020; JÚNIOR ARAÚJO et. al., 2021).

### **Sintomas prevalentes**

Os sintomas que mais se relacionaram à utilização de medicamentos por conta própria e sem orientação foram dor, principalmente dor de cabeça, de garganta, muscular e cólica menstrual, além de febre, resfriados, alergias, inflamações e infecção urinária, sintomas esses que podem ser facilmente desencadeados diante de situações estressantes, como períodos intensos de avaliações e trabalhos acadêmicos e acúmulo de atividades, que

podem debilitar o sistema imunológico e tornar o corpo susceptível a problemas de saúde que causam os sintomas mencionados (MORAES et. al., 2018; CARNEIRO et. al., 2019; SANTOS et. al., 2019; TOGNOLI et. al., 2019; BOHOMOL; ANDRADE, 2020; PRÍNCIPE et. al., 2020; JÚNIOR ARAÚJO et. al., 2021; LIMA et. al., 2022).

### **Grupos terapêuticos mais utilizados**

Com relação ao tipo de medicamento mais utilizado todos os estudos foram unânimes ao citarem os analgésicos/antipiréticos como o mais prevalente, entretanto outras classes também foram mencionadas como anti-inflamatórios, anti-histamínicos, antiácidos, antigripais, relaxante muscular e antibióticos.

Este cenário se justifica pelo fácil acesso a esses medicamentos sem receituário médico, pelo baixo custo e por possuírem propriedades que permitam que sanem os sintomas apresentados pelos usuários, o que faz com que sejam a escolha para quem não possui tempo e às vezes condições financeiras para procurar um serviço de saúde (TOGNOLI et. al., 2019; BOHOMOL; ANDRADE, 2020; PRÍNCIPE et. al., 2020; LIMA et. al., 2022).

### **Consequências**

A automedicação propicia a escolha de drogas indevidas, a utilização de doses inadequadas e tempo de uso impróprio, o que pode trazer uma série de consequências como mascaramento de doenças em evolução, intoxicação, resistência bacteriana, interação medicamentosas, piora dos sintomas iniciais, reações de hipersensibilidade e entre outros (TOGNOLI et. al., 2019).

Dois dos estudos escolhidos apontaram consequências apresentadas pelos acadêmicos que praticavam a automedicação, elas foram: mascaramento da doença geradora do sintoma, reações adversas, resistência microbiana, intoxicação, náusea, vômito, tontura, sintomas cardiorrespiratórios, aumento dos sintomas existentes e manifestações cutâneas (MORAES et. al., 2018, BOHOMOL; ANDRADE, 2020)

### **CONCLUSÃO**

A automedicação é, sem dúvidas, um problema de saúde pública e a alta prevalência unânime nos estudos utilizados confirma isso e aponta para mais uma preocupação considerando-se que embora os acadêmicos da área da saúde reconheçam os riscos da

automedicação, isso não é suficiente para que ela seja reduzida, pelo contrário, é possível que a posse do conhecimento seja o fator que dê segurança para a realização dessa prática.

Os sintomas mais referidos como dor, febre, resfriados, alergias, inflamações e infecção urinária justificam as classes de medicamentos mais utilizadas: analgésicos/antipiréticos, anti-histamínicos, anti-inflamatórios e antibióticos. Este fato levanta duas questões, uma é a preocupação com a quantidade e variedade de medicamentos utilizados nessa prática e outra diz respeito às vivências acadêmicas e todos os sintomas que os estudantes estão propensos a desenvolver durante essa vivência.

Por fim, acredita-se na importância da inserção da temática automedicação nas grades curriculares afim de fortalecer a conscientização desses acadêmicos acerca do assunto para que eles deixem de ser vítimas e passem a ser agentes na redução da automedicação na população.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Amanda Luzia de et. al. Estudos brasileiros sobre automedicação: uma análise da literatura. **Rev. Bras. Farm.** v.96, n.2, p.1178-1201. 2015.

BAGGIO, M; FORMAGGIO, F. Automedicação: desvelando o descuido de si dos profissionais de enfermagem. **Rev. enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, v.17, n.2, p.224-8. 2009.

BEHZADIFAR, M. Prevalence of selfmedication in university students: systematic review and meta-analysis. **Eastern Mediterranean Health Journal.** v.26, n.7, p.846- 852. 2020.

BOHOMOL, E; ANDRADE, C. M. Prática da automedicação entre estudantes de enfermagem de instituição de ensino superior. **Cienc Cuid Saude.** v.19, e.48001. 2020.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Consulta Pública nº 95, de 19 de novembro de 2001. Disponível em: <http://www4.anvisa.gov.br/base/visadoc/CP/CP%5B2735-1-0%5D.PDF>. Acesso em 10 de agosto de 2013.

CARNEIRO, A. F. et. al. A prevalência de cefaleia e fatores psicossociais associados em estudantes de medicina no Ceará. **Rev Med (São Paulo).** v.98, n.3, p.168-79. 2019.

CAVALCANTE, C. S.; KHOURI, A. G. Atenção farmacêutica nas intoxicações por automedicação. **Referências em Saúde da Faculdade Estácio de Sá de Goiás-RRS-FESGO**, v.2, n.1. 2019.

DOMINGUES, M. P. S. Automedicação entre os acadêmicos da área de saúde. **Visão Acadêmica**, v.18, n.2. p. 4-11. 2017.

GALVAO, Taís Freire; PEREIRA, Mauricio Gomes. Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 23, n. 1, p. 183-184, 2014.



JÚNIOR ARAÚJO, A. G. et. al. Prevalência da automedicação em acadêmicos de odontologia e enfermagem em uma instituição pública brasileira. **Arq Odontol**, v.57, e.04, 2021.

LIMA, P. A. V. et. al. Automedicação entre estudantes de graduação do interior do Amazonas. **Acta Paul Enferm.**, v.35, e.APE039000134. 2022.

MARCHI, K. C. Ansiedade e consumo de ansiolíticos entre estudantes de enfermagem de uma universidade pública. **Rev. Eletr. Enf.** v.15, n.3, p.731-9. 2013.

MELO, Ronald Costa; PAUFERRO, Márcia Rodriguez Vásques. Educação em saúde para a promoção do uso racional de medicamentos e as contribuições do farmacêutico neste contexto. **Brazilian Journal of Development**, v.6, n.5, p. 32162-32173. 2020.

MORAES, L. G. M. et. al. Automedicação em acadêmicos de Medicina. **Rev Soc Bras Clin Med.** v.16, p.3, p.167-70, 2018.

OLIVEIRA, Larissa Aparecida dos Santos Martins et. al. Automedicação no Brasil durante a pandemia da COVID-19 e o papel do profissional farmacêutico, uma revisão sistemática. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 11, 2021.

PICOLOTTO E. Prevalência e fatores associados com o consumo de substâncias psicoativas por acadêmicos de enfermagem da Universidade de Passo Fundo. **Ciênci. Saúde Coletiva**, v.15, n.3, p.645-54, 2010.

PRÍNCIPE, F. et. al. Automedicação nos estudantes do ensino superior da saúde. **RIIS**, v.3, n.2, p.21-28, 2020.

3097

SANTOS, L.; NASARIO, M.; SILVA, M. M. da. O Consumo Excessivo de Medicamentos Psico trópicos na atualidade. Santa Catarina: ANVISA, 2016.

SANTOS, R et. al. Prevalência de cefaleia e seus impactos em estudantes de medicina em uma universidade pública. **Rev Bras Neurol.** v.55, n.3, p.5-8, 2019,

SANTOS, Thaís Martins. Automedicação entre estudantes de enfermagem e medicina no Brasil: revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 11, n.2, 2022.

TOGNOLI et. al. Automedicação entre acadêmicos de medicina de Fernandópolis – São Paulo. **J. Health Biol Sci**, v.7, n.4, n.382-386. 2019.

WHO - World Health Organization. The role of the pharmacist in self-care and self-medication. Report of the 4th WHO Consultive Group on the role of the pharmacist. The Hague: World Health Organization. 1998.